



Instalação Eggcident, do holandês Henk Hofstra, representa ovos fritos para chamar atenção do aquecimento global

Por Isabel Dourado

Para enfrentar o desafio coletivo da crise climática, os instrumentos internacionais como acordos, metas e protocolos firmados entre países representam um marco importante da governança ambiental global. Entretanto, a implementação dessas políticas enfrenta uma série de desafios, especialmente diante do questionamento sobre como dividir a conta dos custos das mudanças climáticas e as tensões geradas entre interesses econômicos, modelos de crescimento e a proteção ambiental. Esse cenário de embates e negociações intensas ficou evidente na Conferência do Clima (COP30), realizada em Belém (PA) e encerrada no dia 22 de novembro.

O Acordo de Paris, considerado um dos instrumentos mais importantes da política climática, completou dez anos na última sexta-feira (12). Assinado por 195 países na COP21, realizada em Paris em 2015, o acordo representou uma tentativa ambiciosa de alcançar um consenso sobre metas de redução de gases de efeito estufa (GEE). Ficou marcado por ser um dos mais ousados e inovadores ao envolver os países em compromissos voluntários para limitar o aumento da temperatura global abaixo de 2°C.

Agravamento

Passados dez anos desde o estabelecimento do Acordo de Paris, o mundo tem atravessado o agravamento da crise climática, marcada por eventos extremos que se tornam cada vez mais frequentes e de maior magnitude. A Organização das Nações Unidas (ONU) tem reiterado a urgência em limitar o aquecimento global

Dez anos do Acordo de Paris: o planeta perdeu?

Para especialistas, apesar da lentidão, tratado permitiu avanços importantes

Joédson Alves/Agência Brasil



Maior uso do carro elétrico: um avanço

a 1,5°C e que para isso as emissões precisam cair 43% daqui a cinco anos.

Na avaliação do geógrafo e professor do Departamento de Geografia da Universidade de Brasília (UnB), José Sobreiro, o Acordo de Paris fortaleceu o papel da ciência em um momento

marcado pelo negacionismo climático e abriu espaço para construções coletivas e para o acúmulo de debates sobre a urgência de medidas para conter a crise climática, tema que antes do Acordo de Paris já vinha sendo debatido mas ainda não ocupava a centralidade das discussões políticas interna-

cionais.

“Os dez anos do Acordo de Paris fomentaram debates mais precisos que buscam o alinhamento de agendas e identificação de elementos comuns entre os países, sobretudo considerando os desafios, mas nunca deixando de olhar para frente no sentido

de alcançar a realização de algumas metas globais”, considera. O maior uso dos carros elétricos e da energia solar são dois fatores que surgiram como consequência desses debates.

Fator crucial

Na mesma direção de Sobreiro, o climatólogo e professor da Universidade Estadual Vale do Acaraí (UVA), no Ceará, Jander Monteiro, afirma que a ratificação de 195 países foi um fator crucial para que o Acordo se tornasse de fato histórico. “Se com o Acordo de Paris, ainda estávamos distantes do cenário ideal de redução das emissões, imagine como seria em um mundo sem ele. Talvez já estivéssemos caminhando para um cenário de 4°C até o final do século. O maior avanço do Acordo de Paris foi permitir que a nossa sociedade mudasse ao menos um pouco a rota.”

Apesar da ratificação por 195 países e a formação de uma coalizão supranacional, ambos os especialistas avaliam que, no momento em que o Acordo de Paris foi assinado, a geopolítica mundial era bastante diferente da atual. Hoje, o cenário internacional é marcado por uma maior fragmentação da cooperação internacional entre os países. Isso é evidenciado, por exemplo, na saída dos Estados Unidos do Acordo durante a presidência de Donald Trump.

Sobreiro argumenta que os Estados Unidos, um dos maiores emissores de gases de efeito estufa, atuam de forma imperial e independente na geopolítica, buscando retomar o protagonismo econômico ameaçado pelo crescimento da China. Segundo ele, esse movimento se baseia no negacionismo climático.